

**Como citar esse texto:** FONSECA, C. F. da; BRITTO, P. D. Políticas de subjetivação e cartografias: liminaridades entre o real e o hiper real na cidade contemporânea. **VIRUS**, São Carlos, n. 8, dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus07/?sec=4&item=5&lang=pt>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.



## **Políticas de subjetivação e cartografias: liminaridades entre o real e o hiper real na cidade contemporânea**

Carolina Ferreira da Fonseca e Pedro Dultra Britto

Carolina Ferreira da Fonseca é pesquisadora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Pedro Dultra Britto é pesquisador e Professor Assistente do Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, onde investiga políticas de subjetivação relacionadas com relações entre a natureza e a cidade.

### **Resumo**

O dispositivo cartografia faz funcionar relações de poder em diversas funções como localizar, orientar, direcionar, formalizar, organizar, identificar, figurar e contar, de modo que tais funções atualizam e efetivam as possibilidades dessas relações de poder agirem na produção da cidade. O saber cartográfico, nesta perspectiva, instaura forças produtivas, tanto pelo que possibilita conhecer da cidade, dos sujeitos, das práticas, dos territórios, do cotidiano e uma miríade de variáveis que os envolve, tanto pelo poder, daí decorrente, enquanto atualização imanente e recíproca do saber. Interessa entender que força produtiva opera nas figurações cartográficas/ urbanas? O que define seus regimes de luz e de linguagem, ou seja, o seu saber-fazer? Para problematizar o pressuposto da representação, apontamos um horizonte epistemológico encharcado de liminaridades, de passagens entre os seguintes estatutos: real, ficcional e hiper-real. A representação cartográfica é desenquadrada do suposto ideário de legitimidade científica, geométrica e matemática, numa operação afeita ao que Foucault propõe como genealogia do poder, a fim de entender: que artifícios compositivos são adotados na produção cartográfica das cidades contemporâneas? Como tais artifícios relacionam-se com o processo de transmutação em curso? De que modo tal transmutação deflagra rebatimentos sobre a historicidade da apreensão e experiência urbanas?

**Palavras-chave:** Cartografia; Representação; Real; Subjetivação.

## **Pressupostos teóricos: maquinaria e dispositivo**

O pressuposto teórico desta abordagem admite a prática cartográfica como produtora de cidades, cujos engendramentos históricos, políticos, sociais, culturais, entre outros, configuram múltiplas articulações entre saberes, poderes e modos de subjetivação relativos hegemonicamente à instância das macropolíticas urbanas. Estas agenciam, desenham e, portanto, não representam cidades cuja existência se efetiva a priori, mas as produzem enquanto prática, imagem e discurso co-implicados nas políticas de subjetivação imanentes às nossas formas de cognição e experiência do, no e com o espaço urbano.

A representação cartográfica pressupõe uma visão positivista do real, centrada sobre sua estabilidade e existência em si mesma. E a cartografia pelo viés da produção-instauração recoloca a questão do processo cognitivo e das relações entre saberes- poderes- modos de subjetivação. Direcionar a discussão para o sentido da produção cartográfica em detrimento do sentido da representação coloca em pauta a análise da intrincada maquinaria operada pelos equipamentos coletivos de subjetivação contemporâneos.

Nesta maquinaria, saberes e poderes são agenciados pelos processos de subjetivação, que implicam o funcionamento de máquinas de expressão de natureza extrapessoal (sistemas econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia) e de natureza infra-humana, infra-psíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem, de valor, modos de memorização e produção de ideias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante) (GUATTARI, F.; ROLNIK, S. 2005, p. 39)

A maquinaria proposta por Guattari ao operar o agenciamento de subjetividades **contemporâneas** - no entrecruzamento das máquinas de natureza extrapessoal e infrapessoal - produz entre outros engendramentos, cartografias e, por conseguinte, cidades. Todos os sistemas supracitados encontram-se implicados nesta produção, alguns com mais contundência, outros em ações tangenciais. As dimensões cognitivas e subjetivas inerentes à cartografia atribuem-lhe uma força-tensão, que varia incessantemente entre expressões hegemônicas e singulares.

O dispositivo cartografia faz funcionar relações de poder em diversas funções como localizar, orientar, direcionar, formalizar, organizar, identificar, figurar e contar, de modo que tais funções atualizam e efetivam as possibilidades dessas relações de poder agirem na produção da cidade. Tal definição suscita a abordagem de Agamben (2009, p. 31) que chama de dispositivo "tudo o que tem, de uma maneira ou de outra, a capacidade de capturar, de orientar, de determinar, de interceptar, de modelar, de controlar e de assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos".

O dispositivo cartografia enquanto operador das forças sociais dispersas na cidade, institui portanto, a dimensão de poder, uma relação da *força com a força*, remetida a ações como incitar, suscitar, combinar. Entretanto, orientamos as investidas desta reflexão pela seguinte afirmativa **"o poder produz realidade, antes de reprimir"** (DELEUZE, 2005, p.38), ou seja, não se trata estritamente de relações de violência, exploração e sujeição, mais evidentes na abordagem de Agamben. Interessa entender que força produtiva opera nas figurações cartográficas/ urbanas? Como se efetiva tal produção? O que define seus regimes de luz e de linguagem, ou seja, o seu saber-fazer? <sup>1</sup>

Os regimes de luz referem-se às formas de conteúdo, o que produz visibilidades, e os regimes de linguagem às formas de expressão, e o agenciamento entre eles deflagra os domínios do saber, ordem estratificada por um tipo de regularidade, que institui demarcações rigorosas entre o verdadeiro e o falso. (FOUCAULT, 1995). O saber cartográfico, nesta perspectiva, instaura forças produtivas, tanto pelo que possibilita conhecer da cidade, dos sujeitos, das práticas, dos territórios, do cotidiano e uma miríade de variáveis que os envolve, tanto pelo poder, daí decorrente, enquanto atualização imanente e recíproca do saber.

O atrelamento saber-poder, se confrontado com a própria definição da cartografia enquanto saber-fazer, aponta para uma conformação triádica definida por ora de poder-saber-fazer. A proposição de Foucault coloca outra tríade, delineada pelas co-implicações entre saber, poder e processos de subjetivação, numa relação de forças com forças enquanto emergência e transversalidade produtiva da vida. Ele propõe o saber - seja nos seus contornos disciplinares ou no sentido mais abrangente do conhecimento - como a principal força de produção social. A cartografia opera na transversalidade das combinações apontadas: poder-saber-fazer-processos de subjetivação e tal como dispositivo espraia-se pelo corpo social, de forma a efetivar as funções já listadas. Se nos orientarmos pelo pensamento de Deleuze, em diálogo atento com Foucault, constatamos algumas indicações constitutivas destas combinações:

**"Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada uma está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores (...) Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de "trabalho em terreno". (DELEUZE, 1990, p. 155-161)**

A cartografia constitui um dispositivo absolutamente central no atual e vertiginoso processo de transmutação dos equipamentos coletivos de subjetivação e a multiplicidade de engrenagens aí instalada. Um "trabalho em terreno" neste caso, seria tentar desemaranhar algumas linhas próprias deste dispositivo, ou seja, cartografar a própria prática cartográfica, explorar alguns vetores e tensores constitutivos de tal saber x poder.

---

<sup>1</sup> A elaboração deste texto encadeia inúmeras perguntas no sentido de propor dúvidas, de estimular o pensamento, dos próprios autores e do leitor. Entretanto, são provocações, nem sempre respondidas de forma explícita nas análises subsequentes. Estas perguntas operam como um convite ao leitor, um modo de instiga-lo a refletir conosco sobre o tema.

## **Liminaridades: sobre estatutos do real**

Um conjunto de forças urbanas absolutamente alterado configura-se na cidade contemporânea. Tanto a cidade conforma zonas de indiscernibilidade, radicalizadas no entrelaçamento entre ilegal x legal, fixo x móvel, direito x exceção, institucional x autônomo, real x virtual; tanto a cartografia expande os modos de figuração e efetivação das suas funções pressupostas, num realismo óptico subsidiário das inúmeras técnicas deflagradas pós revolução informática.

Este processo relaciona-se com a transmutação dos equipamentos coletivos de subjetivação e com a noção de apreensão e experiência como formas/ modos plasmados historicamente. Suscitamos algumas perguntas iniciais a fim de direcionar esta exploração: Que artifícios compositivos são adotados na produção cartográfica das cidades contemporâneas? Como tais artifícios relacionam-se com o processo de transmutação em curso? De que modo tal transmutação deflagra rebatimentos sobre a historicidade da apreensão e experiência urbanas?

Para problematizar o pressuposto da representação, apontamos um horizonte epistemológico encharcado de liminaridades, de passagens entre os seguintes estatutos: real, ficcional e hiper-real. A representação cartográfica é desenquadrada do suposto ideário de legitimidade científica, geométrica e matemática, numa operação afeita ao que Foucault propõe como genealogia do poder. Ou noutros termos, uma leitura-experiência cujo ímpeto é a desnaturalização destes saberes constituintes da cartografia, tomando a opacidade enquanto condição da própria linguagem. A autoridade e naturalidade atribuídas ao estatuto do real, prerrogativa primeira da representação, suprime da nossa apreensão as outras dimensões constitutivas da produção cartográfica, aqui entendidas como ficcional e hiper-real.

Investigamos por ora como se processa o achatamento destas dimensões, por vezes em uma suposta equivalência entre elas, ou em ilegitimidade e irrealidade, a fim de perseguir as seguintes dúvidas: que sentidos de cidade e urbanidade orbitam em tais estatutos no âmbito da produção cartográfica? Ou em direção oposta: como tais estatutos atribuem sentidos às urbanidades e às cidades cartografadas?

Pretendemos desnortear algumas correspondências imediatas e naturalizadas entre termos, tais como real > verdadeiro; ficcional > falso > irreal. A tensão constante entre verdadeiro e falso, provável e improvável, verossímil e inverossímil, real e irreal perpassa todos os estatutos perscrutados. As inúmeras interações entre tais atributos atravessam as cartografias urbanas aqui exploradas, num emaranhado processo de subjetivação, que opera via de regra, pelos efeitos de real, enquanto hegemonia do regime de visibilidade cartográfica.

Ao primeiro conjunto de dúvidas, reunimos mais algumas: Que estratégias são acionadas para assentar de forma tão contundente o efeito de real enquanto única legitimidade admitida na produção cartográfica do Urbanismo? Quais são as implicações urbanas diante do

achatamento das arestas do hiper-real e ficcional, todos estes mitificados apenas pelos efeitos de real que desencadeiam? O que se furta da apreensão e experiência urbanas quando se opera pela mitificação destes estatutos? Que política do espaço é engendrada a partir destes estatutos? Como se dá a relação entre temporalidade e política do espaço a partir dos enredamentos destes estatutos na cartografia aqui analisadas?

## **Looping: uma política com duplos operatórios**

O endereço eletrônico de <http://unloop.com.br> é referenciado pela palavra inglesa *loop*, mas neste caso a tradução não é entre línguas, não se deve realizá-la. Para entender os enunciados e imagens deste espaço virtual, a palavra em inglês parece mais coerente e o que proponho aqui, a partir de agora, é uma coerência irônica, uma paródia. *Looping* é um modo de exibição de imagens encadeadas, tal como uma série de fotografias ou de vídeos sem começo nem fim, um contínuo de sequências imagéticas super explorado nos regimes de exposição da contemporaneidade.

No contexto da multiplicação de imagens, o *looping* aparece em inúmeros circuitos, desde a propaganda comercial na internet até as exposições de arte contemporânea – especialmente as de natureza áudio-visual e fotográfica. Na tela ou janela, as imagens passam em diversos tempos, alguns mais acelerados, outros lentos, e várias combinações destes; um recurso de composição do tempo da própria imagem a partir da sua sucessão e repetição em séries. Em *looping*, no portfólio da agência de Patrick Raynaud, aparece a Arena Fonte Nova de Salvador, “onde você vai viver grandes emoções”; a via Transcarioca – “mais do que uma nova via expressa, será um corredor de transporte de alta capacidade ligando a Barra e o Galeão”; a Requalificação do Saara no centro do Rio de Janeiro, “ordenamento, controle e qualidade”; a Operação Urbana Morro do Estado da prefeitura de Niterói:

“plano inovador de inclusão urbanística com investimento na ordem de 200 milhões de reais que só será possível graças ao PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e ao projeto Minha Casa, minha vida; o Centro Administrativo Carioca “que vem compor o time de sucesso, junto com a Unidade de Polícia Pacificadora e as unidades de pronto atendimento projetos que estão transformando a cidade maravilhosa para receber a copa do mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016”; o PAC Rocinha “com a urbanização do acesso principal, a melhoria das fachadas e a criação da passarela de pedestres projetada por Oscar Niemeyer marcam definitivamente a presença do Estado na comunidade”; e dezenas de outros projetos, tais como PAC Complexo do Alemão, PAC Cantagalo, Metrô de Salvador (linha 2), Maracanã 2014, Estação de Metrô Uruguaiana (RJ), entre outros; todos protagonistas de uma transformação urbana radical decorrente dos eventos esportivos e dos projetos do governo federal mencionados.

Os vídeos em *looping* são montados com programas de computação gráfica especializados em maquetes eletrônicas, simulações 3D de filmagens aéreas e um serviço de produção de imagem definido na [ficha técnica do site](#) como **>animador cartográfico<**. Trata-se de uma

composição com as formas de conteúdo e de expressão calcados numa determinada ideia de cidade. Um equacionamento espaço-temporal absolutamente desnorteador dos referentes do passado, das preexistências efetivas e materializadas na cidade; e do futuro com a aparição do projeto em pleno processo de implementação, ainda que sequer tenha sido iniciado.

Uma coexistência constrangedora de passado e futuro, assoladora da sua própria dimensão temporal, diante da visada contínua e consensual de dois tempos encadeados num *looping* a-temporal. Os sujeitos implicados nesta produção de cidade são denominados ali de clientes e reúnem-se em logomarcas alinhadas, um conjunto de forças que articulam a dimensão pública e privada, numa coexistência constrangedora, semelhante à que citamos anteriormente. A prefeitura do Rio de Janeiro, de Niterói, o Governo do Estado do Rio de Janeiro no mesmo escopo de interesses e projetos das empresas de capital corporativo, transnacional e financeiro, como OAS, **Odebrechet**, Andrade Guitierrez, Arena Fonte Nova, entre inúmeras outras.

A **>animação cartográfica<** apropria-se dos territórios das cidades brasileiras (desde capitais até cidade médias) com polígonos preenchidos de cores vibrantes e referências hegemônicas do entorno. Os segmentos demarcadores das poligonais da área dos projetos entram em cena como flechas sonorizadas e, imediatamente a ação sobre a cidade materializa-se em vias de trânsito para automóveis, em percursos fluidos de outros modais, como o metrô e o VLT (Veículo leve sobre trilhos) – tão em pauta nas cidades da Copa, em pontos que sinalizam as edificações dos tais projetos já construídas. Planejamento e projeto urbanos implementam-se sobre o território em ínfimos segundos. Vão aparecendo na instantaneidade de um click o futuro plasmado implacavelmente sobre a tela do presente. E o passado apaga-se imediatamente pelos efeitos de sobreposição da imagem *looping*.

A **>animação cartográfica<** adota efeitos de vídeo-game, em que determinados movimentos são ritmados por trilhas sonoras remetidas a ações de “surpresas”, “sobressaltos”, “aventuras”, “heroísmos” e “vitórias”. Os heróis-clientes são citados em frases de caráter propagandista e fachadista; e, **neste caso**, as fotografias de satélite da plataforma google são animadas tal como uma imagem descolada do referente, o próprio território. Não há entraves para as ruas que se abrem e sobem rumo ao mar, ou perfuram o chão em túneis quilométricos; para os edifícios se empilharem tal como megaestruturas sobre uma topografia cujo desnível é de um edifício com altura equivalente à 34 pavimentos.

A cartografia anima consensualmente estratégias urbanísticas legitimadas por diagnósticos, apresentados também sob a ênfase de trilhas sonoras, neste caso, “dramáticas”, “denunciativas” e “catastróficas”. Os problemas diagnosticados são superados por “conceitos” de projetos também consensuais tais como a sustentabilidade, a acessibilidade, a mobilidade, a integração, o controle e ordenamento policiais e as atividades culturais como prática de cidadania e inclusão.

O portfólio *looping* deflagra alguns aspectos paradoxais da atual produção urbana, seus engendramentos especulativos e a envergadura e natureza da sua inserção. Uma única agência detém a comunicação destes processos e opera a exposição, a visibilidade e o uso dos

enunciados/imagens de metrópoles brasileiras centrais na requalificação urbana de escala nacional para os eventos esportivos de 2014 e 2016. Um conjunto de projetos modelados também por um grupo restrito de arquitetos/ escritórios/ construtoras que replicam em cidades díspares edificações e diretrizes de planos urbanísticos homogêneos, um verdadeiro *looping* de cidades e projetos. No escopo disciplinar do portfólio *looping*, apresenta-se a formação da maior corporação midiática do Brasil, a TV Globo, que concedeu **ao proprietário do referido portfólio** o título de animador sênior.

O animador cartográfico-sênior manipula artifícios compositivos de outras mídias, como os jogos de vídeo-game, as peças publicitárias, o jornalismo (suas ilustrações esquemáticas de regiões e fenômenos) e as simulações 3D que permeiam todas as anteriores. Este conjunto de artifícios instrumentaliza o processo de subjetivação urbana em curso e remete-se, de uma forma geral, aos regimes de visibilidade e exposição da indústria do entretenimento e do espetáculo contemporâneo. Sobrepoem-se aos princípios elementares da composição cartográfica tais como escala, projeção e iconografia, os artifícios da animação. Seus desdobramentos sobre as existências, pré-existências, permanências e ausências do território passam a evidenciar uma concepção ética, estética e política atrelada à ideia de cidade e de urbanidade hegemônicas no rol de disputas empreendidas pelo capitalismo cognitivo. Este caso, toca na questão cartográfica em diferentes pontos. Ela, associada aos demais recursos de figuração imagética do território e aos mecanismos de implementação dos projetos da empresa *looping*, estratificam a produção de subjetividade das seguintes existências: cidade-olímpica, cidade-espetáculo, cidade-mercadoria e cidade-mídia. Ambas, cidade e cartografia, como o veículo, o instrumento, o canal e a mensagem de determinado posicionamento ético-político-estético em pauta. Os regimes de ação e visibilidade da cartografia na contemporaneidade apontam densos e profundos imbricamentos com o sentido de mídia. Isto recoloca e recodifica os modos de apreensão do processo urbano em curso, donde a enunciação dos sujeitos e práticas anima a consolidação de um imaginário consensual sobre futuro já presente nas cidades.

A **>animação cartográfica<** é uma ferramenta central no jogo de forças engendrado pelas relações entre projeto, execução; passado, presente e futuro; presença e ausência; legal e ilegal, ou seja, sobre as possibilidades da ação política urbana. A manchete da página inicial do site **da empresa Unloop<sup>2</sup>** alardeia “mais de 70 projetos com produção/roteiro/direção de Patrick Raynaud, de 2006 a 2011 pela sua antiga produtora (**Fly Bumbax**) e desde 2011 pela Unloop Filmes.” Uma empresa de inserção internacional, que converte a ordem clássica do saber urbanístico, diagnóstico > projeto > execução em um *looping* atemporal produzido instantaneamente e replicado indiscriminadamente.

Neste anúncio da hegemonia fica explícita outra pista acerca dos artifícios compositivos implicados nesta produção. Procedimentos remetidos à prática cinematográfica, tais como produção, roteirização e direção atrelados à animação cartográfica constituem uma inflexão

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://unloop.com.br>>.

nas figurações cartográficas e nos circuitos em que estas se inserem. Este transbordamento de modos compositivos apresenta intercorrências com as incessantes atualizações da conjuntura midiático-informacional, que tem na noção de realidade aumentada<sup>3</sup>, por exemplo, uma extremidade no engendramento dos jogos perceptivos (apreensão/ experiência) praticados na experiência urbana contemporânea.

No rastro de Benjamin<sup>4</sup>, rondamos a questão das implicações entre técnica, reprodutibilidade e percepção, adotando para tanto, o seguinte pressuposto: “A forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo em que seu modo de existência” (1994, p.169). A relação entre modos de existência e percepção no escopo de uma análise materialista histórica, que se debruça sobre o imbricamento entre técnica, arte e política abre frentes de problematização pertinentes na pauta cartográfica. Interessa entender como a consolidação da cidade-mídia, operada pelos atravessamentos da **>animação cartográfica<**, institui existências na cidade? De que modo estas existências produzem e são produzidas por percepções engendradas historicamente?

A passagem pela técnica cinematográfica colabora no questionamento do pressuposto da representação, acenando para a dimensão da criação de significados, a partir da justaposição compositiva de imagens e discursos. Trata-se da aproximação entre montagem cinematográfica e cartografia<sup>5</sup>, em que elementos espaço- temporais justapõem-se em injunções técnico-políticas, num processo de ‘*colisão de sentidos*’, em contraponto à noção de ‘*encadeamento temporal*’ (EISENSTEIN, 1969). O *looping* pode ser entendido como um recurso de fabricação de colisões, pela tensão processada entre repetição e acontecimento singular.

A injunção Rio de Janeiro, cidade-olímpica, UPP’s (Unidade de Polícia Pacificadora), mobilidade, favelas e novos estádios justapõem numa mesma cartografia territórios urbanos absolutamente paradoxais, donde a existência efetiva de um tem significado a anulação e ausência de outro<sup>6</sup>. Entretanto, em *looping* todos estes povoam um mesmo espaço-tempo, em que a **>animação cartográfica<** a partir da edição, interrupção, corte, ritmo, enfim, os procedimentos da técnica de montagem restitui a coexistência destes territórios, mitificada enquanto realidade implantada.

Assume para tanto a tônica consensual, ainda que esteja lidando com territorialidades conflitivas e com a própria colisão enquanto condição compositiva da montagem cinematográfica. Ou seja, opera no cerne de um contexto tenso e em plena disputa por

---

<sup>3</sup> Não nos centramos no presente artigo no funcionamento, mecanismos e definições técnicas de realidade aumentada. Tomo tal expressão a partir de um fragmento de entrevista com o professor Dr. Gilberto Corso, que a descreve como a existência virtual de um objeto, informação, imagem (enfim, dados de diferentes naturezas) geolocalizados no espaço que podem ser acessados a partir de celulares, *ipads, smarphones e iphones*.

<sup>4</sup> A abordagem da obra de Walter Benjamin é um desdobramento das discussões propiciadas no âmbito da disciplina Urbanismo Contemporâneo, nos tópicos orientados pelo professor Washington Drummond.

<sup>5</sup> Citamos como fonte relevante na aproximação entre montagem e cartografia a tese de doutorado de Aline Couri Fabião intitulada **Incons[ciências] do olhar: notas sobre o problema da representação das cidades na cultura urbanística atual** (PROURB, UFRJ, 2011).

<sup>6</sup> A título de exemplo, citamos a remoção da Vila do Recreio II, cortada pelo novo traçado do BRT; e da comunidade Metrô Mangueira e do Morro da Providência próximas ao Maracanã.



território e existência, a reificação da figuração cartográfica e da própria cidade enquanto consenso, representação e realidade, afeita à 'estetização da política', enquanto 'arte da propaganda'. (BENJAMIN, 1994)

Propomos, alinhados às formulações de Benjamin, Eisenstein e Couri que a montagem enquanto técnica de composição operada pelo conflito entre elementos díspares é intrínseca aos regimes de visibilidade instituídos no âmbito da cartografia. No caso do >**animador cartográfico**<, tal técnica foi adotada enquanto elemento de mitificação do real. Cabe, interrogar que outros sentidos emergem desta justaposição: montagem, cartografia, cidade e mídia?

## **CREDIBILIDADES POLÍTICAS: injunções de hiper-realidade na cidade-mídia**

Tal episódio pode ser analisado a partir de uma tangente com as proposições de Baudrillard (1981) acerca das simulações e dos simulacros<sup>7</sup>. A temporalidade instantânea e consensual destas enunciações opera como recorrência orbital de modelos, em que o *looping* projeto > cartografia > cidade intercepta o real em curto-circuito. Embaralham-se os seus sentidos próprios pelos duplos operatórios que aí se efetivam: cartografia como duplo de cidade, cidade como duplo de cartografia, projeto como duplo de cidade, cartografia como duplo de projeto e as múltiplas combinações possíveis entre estes termos. O duplo operatório age pelo efeito de real que suplanta a realidade imediata ao apagar o próprio referente:

Escalada do verdadeiro, ressurreição do figurativo onde o objeto e a substância desapareceram. Produção desenfreada do real e do referencial, paralela e superior ao desenfreamento da produção material: assim surge a simulação na fase que nos interessa – uma estratégia de real, de neo-real e de hiper-real, que faz por todo o lado a dobragem de uma estratégia de dissuasão. (...) Alucinação do real, do vivido, do cotidiano, mas reconstituído, por vezes até como reserva animal ou vegetal, dada a ver com uma precisão transparente, mas, contudo sem substância, antecipadamente desrealizada, hiper-realizada. (BAUDRILLARD, 1981, p. 97-159)

A radicalidade do processo colocado pelo autor aponta uma pista relevante para a problematização das transmutações dos equipamentos coletivos de subjetivação contemporâneos. Os engendramentos cognitivos e simbólicos produzem e são produzidos exponencialmente pelas propriedades da tecnologia informática para impulsionar flutuações de sentidos urbanos, num processo de inversão, reconversão e dissuasão que abalam o estatuto do real, a sua dimensão de realidade imediata implicada na temporalidade do presente. Alucinações urbanas, em que os limites ao planejamento e à sua implementação inerentes à materialidade e à contundência do território, dos sujeitos e das práticas convertem-se numa imagem de natureza figurativa. A hiper-realidade emerge enquanto modo de apreensão

---

<sup>7</sup> A tangência enquanto postura analítica frente ao pensamento de Baudrillard assinala o movimento literal da tangência, que toca pontualmente determinada matéria/ corpo para na sequência, em decorrência deste contato, sofrer um desvio de direção, de intensidade e de força. Intencionamos manter assim distância crítica das conclusões fatalistas e catastróficas do autor, e "esbarrar de raspão" no conceito de hiper real, para delimitar um dos campos de interação dos sentidos deste texto.

mitificado pela verossimilhança, pelo elevado poder de 'fazer crer' (DE CERTEAU, 1994) das técnicas de representação tridimensional, e dos duplos imagéticos da fotografia de satélite animada pelos recursos da cidade-mídia.

De Certeau constrói a partir de algumas passagens de Baudrillard uma discussão acerca das credibilidades políticas, formulando uma arqueologia do crer e sua relação com a visibilidade. Os avatares e o tráfico do crer configuram-se pelo movimento das técnicas de fazer crer – remetidas em primeiro plano às ordens religiosas e sua doutrina, em segundo plano à política, seus partidos e ideologias, e às inúmeras pregnancies entre ambas – cujo refúgio contemporâneo é a *mass* mídia, os espaços sacralizados para o lazer e o turismo, ou seja, a cidade espetáculo.

O grande silêncio das coisas muda-se no seu contrário através da mídia. Ontem constituído em segredo, agora o real tagarela. Só se vêem por todo o lado notícias, informações, estatísticas e sondagens. Jamais houve uma história que tivesse falado ou mostrado tanto. Jamais, com efeito, os ministros dos deuses os fizeram falar de uma maneira tão contínua, tão pormenorizada e tão injuntiva como o fazem hoje os produtores de revelações e regras em nome da atualidade. **Os relatos "do-que-está-acontecendo" constituem a nossa ortodoxia.** Os debates de números são as nossas guerras teológicas. Os combatentes não carregam mais as armas de ideias ofensivas e defensivas. Avançam camuflados em fatos, em dados e acontecimentos. Apresentam-se como os mensageiros de um "real". Sua atitude assume a cor do terreno econômico e social. Quando avançam, o próprio terreno parece que também avança. Mas de fato, eles o fabricam, simulam-no, **usam-no como máscara, atribuem a si o crédito dele, criam assim a cena da sua lei.** (DE CERTEAU, 1994, p. 287)

Frente ao atual combate entre imagens, visibilidades, técnicas de fazer crer, informação, e mais especificamente, cartografias, nos termos aqui explorados, cidades são instauradas e plasmadas como fatos e dados. Sob a atmosfera propagandística e comercial dos vídeos da empresa *unlooping*, as enunciações diagnósticas sobre o que opera no Rio de Janeiro, Niterói, Salvador, Belém, Petrópolis, Volta Redonda, entre inúmeras outras cidades, detém tal espessura da ortodoxia teológica do real, e incidem sobre a produção urbana por efeito de blindagem e mitificação.

Cartografias "mensageiras do real", animações midiáticas que traficam o crer nos processos de subjetivação contemporânea e ocupam uma posição privilegiada no rol das credibilidades políticas, ou seja, reiteram a formulação de hegemonias da cidade-olímpica-espetacular, cidade-mercadoria, na maioria dos casos ali expostos. Parafraseando o autor:

*Jamais houve uma **cartografia** que tivesse falado ou mostrado tanto. Jamais, com efeito, os ministros dos deuses os fizeram falar de uma maneira tão contínua, tão pormenorizada e tão injuntiva como o fazem hoje os produtores de revelações e regras em nome da atualidade.*

Tal multiplicação refere-se a uma radical transformação dos equipamentos coletivos de subjetivação, inseridos nas esferas de trabalho, cotidiana, lazer, pesquisa, transporte, entre inúmeras outras ações urbanas, que se encontram embebidos da figuração cartográfica. Associamos a radicalidade desta conjuntura técnico-informacional à cidade que emerge na

animação cartográfica. Neste engendramento, a dimensão de mídia incorpora-se enquanto indissociabilidade entre discurso, imagem, enfim, os modos de expressão, de conteúdo e de figuração inseridos num processo de comunicação. E insistimos em algumas questões: Que política de subjetivação se enreda nesta efervescência comunicativa? O sentido de participação efetiva-se em alguma esfera, como e em que temporalidade? Que implicações temporais transcorrem entre a cidade-mídia e o *looping* presente nas animações cartográficas, para além do episódio relatado?

## **Considerações finais e questões persistentes**

Na contemporaneidade, a acumulação capitalista é tomada pela ordem do simbólico que acessa prioritariamente referentes culturais. A acumulação flexível opera em regimes disseminados por circuitos que imbricam tecnologia x cotidiano x biografias x produção de subjetividade e reconvertem energias sociais e vida ordinária ora em capital financeiro ora em capital simbólico. Ambos, de forma atrelada, incidem sobre as existências e inscrevem trajetórias possíveis para suas formas de estar na cidade e participar da vida urbana, em diversas instâncias.

As reflexões aqui expostas criam uma série de lacunas e dobras para se pensar o tema da representação cartográfica e seus transcursores históricos. Desta aproximação, cuja pretensão é minúscula e apenas operatória para problematizar a cartografia como produção de cidade, outros problemas/ hipóteses apresentam-se: a cartografia enquanto força produtiva – produtora e produto – de campos sociais, engendra-se neste mesmo campo por diferentes modos de percepção do mundo/ cidade; e ambas, cartografia e modos de percepção deflagram-se como forma histórica.

Instaura-se nesse espectro uma pauta política contemporânea, cujos engendramentos no que se refere aos regimes de linguagem, de visibilidade, de ação, que acabam por definir regimes de verdade, demandam uma atenção criteriosa, especialmente, por se entender que tais práticas, com denominações tão diversas – mas aparentemente alinhadas – produzem cidades, instauram sujeitos, poderes e uma evidente política de subjetivação urbana. Neste emaranhado, persiste a questão, que cidades são instauradas/ produzidas na contemporaneidade, mediadas e mediante tais práticas cartográficas?

## **Referências**

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó (SC): Editora Argos, 2009.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio d'água, 1981.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, v. 1).
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- COURI, A. **Incons[ciências] do olhar: notas sobre o problema da representação das cidades na cultura urbanística atual**. Tese (Doutorado), PROURB, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo?** 1990. Disponível em:  
<<http://www.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20-%20que%20%C3%A9%20um%20dispositivo.pdf>>. Acesso em: 13 Dezembro 2012.

DELEUZE, Gilles. Foucault. **Tradição de Cláudia Sant'Ana Martins**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

EISENSTEIN, S. **Reflexões de um Cineasta**. Trad. Gustavo Doria. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S.. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.